

CARLOS GONDIM

DOLOR BARREIRA

1 — Onde e quando nasceu Carlos Gondim ?

Todos concordam em que nasceu em Coité (hoje Aratuba e antes Santos Dumont) na Serra de Baturité.

Discordam, porém, quanto à data do nascimento.

Hugo Victor e Cruz Filho, o primeiro, em POETAS DO CEARÁ (1ª série) SONETOS CEARENSES e o segundo, em HISTÓRIA DO CEARÁ, dizem, vaga e incertamente, que Carlos Gondim nasceu em 1884.

Mário Linhares, na HISTÓRIA LITERÁRIA DO CEARÁ, afirma que o poeta nasceu a 6 de dezembro de 1885.

O mesmo Mário Linhares e Augusto Linhares, o primeiro, em POETAS ESQUECIDOS e o segundo, em COLETÂNEA DE FOETAS CEARENSES, asseveram que foi a 6 de dezembro de 1886 que Carlos Gondim nasceu.

Onde está a verdade ?

Segundo informações fidedignas, colhidas *aliunde*, a verdade está nesta última data.

Carlos Gondim, realmente, nasceu a *6 de dezembro de 1886*. (Veja-se, nesse sentido, a efeméride de 11 de março de 1930 das DATAS E FATOS PARA A HISTÓRIA DO CEARÁ, de Leonardo Mota, sempre exato nos seus informes).

E foi encontrado morto, nas proximidades da Capital (estrada de Parangaba) a *11 de março de 1930*, acabando-se assim trágicamente a sua vida atribulada e tumultuosa.

Eram seus pais: Vicente Gondim e Maria Barbosa Gondim.

2 — Carlos não fêz qualquer curso regular em escolas secundárias ou superiores — ao que nos conste. Tipo acabado de autodidata, pôde, todavia, cultivar o espírito com a leitura dos melhores autores, e enriquecer-se de uma cultura literária, que o tornou, sem dúvida, um dos nossos maiores intelectuais.

3 — Conheci-o de perto, entretendo com êle a mais íntima camaradagem; sei, por isso, que teve uma vida agitada e tormentosa, crivada de dificuldades e sofrimentos de tôda a ordem, que o seu “temperamento nervoso e impulsivo” agravou e exacerbou, invencivelmente.

Foi pela vida fora um boêmio incorrigível, que as constantes libações alcoólicas tornavam, por vêzes, agressivo e temível.

4 — Um caso de honra de família levou-o ao cárcere, onde permaneceu por vários anos, dali saindo para ser assassinado.

As amarguras da prisão, que “foi o desenlace de sua trágica existência”, foram para êle do melhor proveito, pois aprimoraram seus pendores artísticos e acrisolaram e acendram “o seu sentimento poético”, dando-nos, no dizer de Gilberto Camara, um grande, um verdadeiro, um profundo poeta.

5 — Carlos Gondim não era individualidade “visceralmente má, inclinada, por vontade própria, a sentimentos grosseiros de delinquência”, mas parecia, ao contrário, “um destes joguêtes da sorte”, uma vítima do meio, de cujo imperativo não havia fugir.

Ele mesmo o disse, numa impressionante auto-qualificação, em termos veementes e incisivos, na carta a Mário Linhares, de julho de 1924: “Eu não sou, como querem os meus inimigos, uma alma de criminoso. Não sou mais do que uma vítima do meio ! O espírito culto de Kerginaldo Cavalcante, que não sei se é do seu conhecimento, observou isso, que fez sentir em longa missiva, sincera e comovente, quando a fatalidade me encerrou numa cela de presídio. Não quero jamais desculpar as loucuras de minha vida pregressa. Entretanto, a minha desapoderada boêmia nenhum prejuízo causou à sociedade, que fêz de mim um réprobo, que tudo me negou, alimentando-me, apenas do fel de seu desprezo ! A minha *via-crucis* vem de muito longe; muito antes da minha reclusão, já tinha eu experimentado a fome, o desespero, a miséria mais cruciante ! Onde, pois, o incentivo moral para a reabilitação do pária ? De Herodes para Pilatos, andei baldadamente em procura de uma colocação. Assim, como poderia eu, sobrecarregado de família, pobre e perseguido, resistir, sem um estoicismo bramânico, ao trulento destino ? Era forçoso succumbir. E succumbi. (1).

6 — Carlos Gondim colaborou vastamente em revistas (BOÊMIA DOS NOVOS, A CONSTELAÇÃO, FÊNIX, entre outras), e jornais do Ceará (como A REPUBLICA) e de outros Estados.

7 — Desde muito cedo começou a exercitar-se na poesia.

Ao que consegui apurar na minha HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE (Vide pág. 127 do 2º tomo — 1ª parte), é de 18 de março de 1903, com os seus versos — O AMOR —

(1) — Mário Linhares — Poetas Esquecidos — págs. 88 e 89.

indecisos e tateantes, a primeira é mais remota manifestação poética publicada por Carlos Gondim.

O seu primeiro livro definitivo, todavia, foi *A Tortura do Artista*, dado à publicidade em 1915.

Ao poema, que o poeta ofereceu ao Dr. Herminio Barroso, precede este conceito de Gustavo Flaubert: "L'artiste est une monstruosité, quelque chose hors nature". (2)

Nele, através de majestosas e vibrantes estrofes, canta o poeta o incoercível descontentamento do artista dominado pela ânsia de perfeição, que não pode atingir.

Aliás — ao que alhures se escreveu — Carlos Gondim "quis apenas traduzir em verso as suas torturas íntimas".

Ele mesmo significou-o, sem sombra de dúvida, antecedendo a 2ª edição do livro desta frase de Montaigne, nos *Essais*: "*Je suis moy-même la matière de mon livre*".

Tortura do Artista, que é de feição e ritmo nitidamente parnasianos, em inteira voga naquela época, abre-o o poeta com estes versos :

O ARTISTA

Como poder tirar do bloco inerte o poema
Marmóreo, que através dos séculos reviva ?
A Arte é um tormento cruel, um cilício, uma algema
Onde em vão se debate a minha alma cativa !

Nunca achar a expressão verdadeira de tudo !
E não poder vasar nesta forma a alma exangue !
Dar-lhe o alento vital !... Ah ! não poder o mudo
E rígido calcáreo animar o meu sangue !

Que o vento entõe lá fóra a monodia cava
E venha fustigar os vitrais da janela...
Que a vida tumultue... Com o pensamento em lava,
Sob o pálio de luz da constelada umbela,

No meu ninho de abutre, esquecido do mundo,
Mergulhado no Ideal, entrevejo a obra d'Arte,
Embora experimente o desespero, oriundo
Da Ânsia de Perfeição, que o coração me parte !

(2) — A TORTURA DO ARTISTA foi incorporada, com sensíveis alterações e mudanças de expressão, ao seu livro ANSIA REVEL, que Mário Linhares (*História Literária do Ceará*, pág. 94) e Augusto Linhares (*Coletânea de Poetas Cearenses*, pág. 134), por lastimável equívoco, consideram inédito, mas que, muito ao contrário, viu a luz no ano de 1929.

Com profundo desânimo, logo exclama :

Não! Não... Falta-lhe tudo: o inatingido ignoto
 Que de há muito perquirio e a Arte me não revela!
 — A Olímpica «expressão» que sonhou Polignoto...
 — Arcano em que se engasta o brilho de uma estrêla!

Antes eu fôsse um verme a rastejar na lama,
 Um batráquio a coaxar num pútrido palude,
 Do que debalde andar atrás da errante chama
 Que a argila iluminou, e que tanto me ilude!

.....

Sonhas! a Perfeição? — Terás o desconsólo
 De jamais encontrar essa rara acantácea!
 — Esquece tudo, Poeta, oh vai de polo em polo,
 Cantando a tua dor, como Orfeu, pela Trácia!
 Ninguém te escutará a piegas melopéia,
 E apupado serás pela humana rudeza,
 E no encalço terás a estúpida alcatéia
 Sempre pronta a assaltar a vítima indefeza!

E termina, desencantado e insatisfeito :

Pesadelo de tôda a minha vida! Inferno!
 Pior do que o Erebo, pior do que as forjas de Brontes!
 Aos meus lábios chegaste o terrível falerno
 Que de febre me queima as doloridas frentes!

Nada mais resta já ao desiluso artista,
 Que do templo do Ideal soluça entre os escombros!
 — Que Tântalo haverá que a angústia assim resista?
 — Que Atlas o orbe da dor pode suster aos ombros?!

.....

Tudo é efêmero e vão nesta efêmera vida!
 — Persiste no contrário a menté que delira.
 Tudo é fumo, é quimera, é poeira desprendida...
 — Arte! Alucinação! Sonho falaz! Mentira!

8 — Em 1923, publica Carlos Gondim *Poemas do Cárcere*. O livro consta de três partes: — *Horto de Angústias*, *Simbolos* e *Sinfonia Vespéral*.

Vibra, através dêsse “livro doloroso e, por isso, real”, como sua *dominante*, a nota da sinceridade.

Em *Poemas do Cárcere* “o poeta se espelha fielmente, nos múltiplos transe de sua expiação”. Revela-se a si mesmo, “sem refalsamento”, em todo o esplendor e pureza da verdade.

Cantou porque sofreu; e foi o sofrimento — crisol mágico — que o fêz produzir versos de rica inspiração e da maior harmonia. Vejamos :

NO CÁRCERE

Cismo, à noite, galé da minha sina,
Junto às grades geladas da prisão...
O luar as ondas trêmulas platina
E se insinua no meu coração.

Tanta lágrima, tanta, hei derramado,
No silêncio da noite, êrmo e dorido,
Que já não sei chorar, como hei chorado,
E, mais que nunca, tenho padecido.

Suaviza-nos o pranto as chagas da alma,
Que segure intangível nos abriu...
— É o amargo absinto que serena e acalma
A lembrança de um bem que nos fugiu.

Quem chora recompõe todo um excídio,
Quando a desgraça os sonhos esboroa...
— No exílio foi o bálsamo de Ovidio,
E o de Camões no cárcere de Goa.

Quem chora sofre menos. O gemido,
Profundo, estertorado pela dor,
Desaparece no cristal diluído
Dêsse claro Jordão consolador.

Tenho, como uma escarpa, a alma esmarrida!
— Golfo ideal, que por ela se insinua,
Já não lhe pode a lágrima vertida
Banhar-lhe a encosta, desolada e nua!...

Já não posso chorar! Que desalento!
Quanta angústia! Que frio tumular!...
Pudesse, ao menos, sob o luar de argento,
Apenas uma lágrima chorar!

.....

Transformou-se num túmulo deserto,
Onde pia a rma estrige da saudade,
O meu, outrora, coração referto
De tantos sonhos de felicidade.

Que ironia perversa a do destino,
Restringindo-me a uma crcere sem luz,
Depois que carreguei, como o Rabino,
Durante tôda a vida, a minha cruz !

Sou o reverso apenas do que fora . . .
Que estupenda, que enorme diferença !
— Hontem, uma alma crente e sonhadora,
— Hoje, uma alma sem sonhos e sem crença !

Vida ! Destino humano, quanto às vrio !
— s a fôlha que o vento arrebatou
E, rodopiando, em louco itinerário,
Jamais regressa  ironde que deixou.

Quem te sondasse o arcano indefinido,
Vida — caleidoscópio alucinante,
Nunca te agradecera o ter nascido,
Antes te amaldioara a todo instante !

Já não posso chorar ! Que desalento !
Quanta angústia ! Que frio tumular ! . . .
Pudesse, ao menos, sob o luar, de argento,
Apenas uma lágrima chorar !

Como afirmou, com inteira razão, Mário Linhares, não há
a qualquer laivo de hipocrisia ; há, apenas e únicamente, a im-
precao ou grito irreprimível de uma alma cansada de sofrer.
Como tmbm ocorre em

CANTO DO PÁRIA

 uma insnia o que sinto !  o desespero mudo,
Que o peito despedaça e oblitera a razão !
Abandonou-me a crença — o mais precioso escudo,
Desamparou-me a f — meu único bordo !

Ululam-me no encalço os tormentos de Orestes...
Como que em de redor de mim tudo se escombra!
— Rio-me, como Lear, louco, rasgando as vestes,
— Duvido, como Hamleto, interrogando a Sombra.

Barco errante, a singrar entre os parcéis e fráguas
Ando ao léu, a feição de um destino traidor...
— Em que Letes, irei esquecer minhas mágoas?
— Que Cocito infernal tragará a minha dôr?

E, assim, obedecendo ao fadáric, caminho...
E hei de, como um fantasma, entre os homens errar!
— Triste e esbulhado Job, sem pão e sem carinho,
— Orfeu dorido e insano, a carpir e a cantar!

E, irremível precito, uma voz que me aterra,
Tenebrosa e augural, meu futuro prediz:
— «Para sempre serás um réprobo na terra,
Eterno forasteiro em teu próprio país!»

E é esta voz, que em meu peito o desespero lança,
Como o dístico cruel que encima os penetrais
Do Orco, onde Dante viu tôda a humana esperança
Perdida, a soluçar o eterno NUNCA MAIS!

Rei Tântalo, que, em vão, ao céu exora e pede,
— Condenado a sofrer uma iníqua expiação,
Tendo a linfa a meus pés — ardo, abrasado em sêde
E morro à fome — tendo o fruto à minha mão!

.....
Tudo exulta lá fora e canta ao sol da vida,
Que aos felizes sorri, como um rio de mel,
Enquanto, presa à dor, esta alma desvalida
Esgota, até ao fim, seu cálice de fel.

E ninguém saberá dêste tormento insano!
E ninguém ouvirá ao insonte Prometeu!
Ninguém! pois que é de rocha o coração humano,
E meu grito jamais há de chegar ao céu!

9 — Expressão eloquentíssima dessa augústia íntima,
dessa permanente amargura, fortemente sentida e vivida, de
que sem cessar se queixava, e contra a qual bradava aos céus, é
o seu sonêto

MONÓLOGO NA TREVA

É noite... O céu, caliginoso e rudo.
Velo eu somente, eterno moribundo,
A interrogar, em vão, o espaço mudo
E indiferente às dores dêste mundo.

Raciocinando, o espírito aprofundo,
E, quanto mais perquiro e mais estudo,
Em ondas negras de amargor me inundo,
Tendo apenas a dúvida de tudo.

Que sou eu afinal? Por que padeço?
Porque trago no próprio ser o inferno,
Se tão grande castigo não mereço?...

Maldito seja êsse terrível signo
Sob o qual eu nasci — grilheta eterno
Das galés intangíveis do destino!

Êsses mesmos sentimentos levam o poeta, irresistivelmente,
a rebelar-se contra a própria vida e a odiá-la, como disso é documento inconcusso o soneto

ANTAGONISMO

Cuida o homem feliz, e, ufano, assoalha
Que é uma delícia e o melhor bem a vida,
E escarnece de toda a alma descrida,
Que em frio pessimismo se amortalha.

Com os fúteis ouropéis com que lhe valha,
é-lhe a existência a Terra Prometida...
E — alma fátua — assim, sempre iludida,
Ouro vê onde apenas há cisalha.

Mas para quem com outra visão a alcança,
E só contempla intermínua tragédia:
— Dor, cinismo, ambição, rancor, vingança,

Não vale a vida o anseio de gozá-la,
Pois não vê, nesta vil tragi-comédia,
Senão razões e mais razões de odiá-la.

10 — Raramente — “sobredoirando a nota desoladora” —, a imaginação do poeta “se eleva acima das rudes contingências materiais”, e então há no seu verso “um acento de resignada filosofia”, onde procura esconder a sua dor.

É o que decorre do sonêto

PERFEIÇÃO

No teu calvário, poeta, a esponja odienta
Sorve da mais cruciante das torturas :
Reaviva as tuas provações obscuras,
E às negras dores — dores acrescenta.

Pegureiro que as mágoas apascenta,
Com essa resignação das almas puras,
Guarda contigo as tuas amarguras,
Alma de nobres ideais sedenta.

Hás de atingir os píncaros supernos
Da Perfeição, se todo o sofrimento
Te souber ao mais raro dos falernos.

E, assim, te elevarás, alma sidéria,
No halo divino de um deslumbramento,
Liberta, triunfadora da Matéria.

11 — “Poeta parnasiano de largo vôo, cujos versos se impõem pela forma e pela força do pensamento” — diz-nos Cruz Filho, referindo-se a Carlos Gondim.

E o seu parnasianismo, equilibrado e sadio, tem a sua suprema expressão, entre muitíssimos outros, nos sonetos CRISTO, AHSVERUS e FAUSTO (por nós já transcritos à págs. 237 e 238 do 3º tomo da *História da Literatura Cearense*), e bem assim nos sonetos SÓCRATES e SALOMÉ, que passamos a transcrever :

SÓCRATES

Aos discípulos seus, pregando, o sábio heleno
Protágoras e os mais sofistas combatia,
Enquanto aos lábios chega o traiçoeiro veneno,
E, sem nenhum temor, tôda a taça esvazia.

Mas, antes de expirar, num derradeiro aceno,
 Uma voz interior ainda lhe repetia :
 —«Existe um Deus, além, no Mistério !» — E, sereno,
 Morre, fitando a luz, em plácida agonia.

E a atra morte sorri, como jamais sorrira
 Quem, nos braços brutais de um madeiro vetusto,
 Por tôda a humanidade ingrata sucumbira !

É que, nos penetrais dêsse Mistério Augusto,
 A volúpia imortal e divina atingira
 Quem viveu como um sábio e morreu como justo !

SALOMÉ

É uma neve, uma espuma, um floco alvinitente,
 Volteando os sete véus, a oriental borboleta.
 Por ela Antipas sofre, e a cabeça demente
 Rolara de Iokohaán — o místico profeta.

Mas, ante a decepada e fria forma infeta,
 Salomé, que a recebe ao carrasco, tremente,
 Sente de atra paixão a envenenada seta,
 O inusitado ardor de ígnea volúpia sente.

E, num arrebatado e sádico transporte,
 Murmura: — «Iokanaan, filho de raça espúria,
 O Amor é bem maior que o mistério da Morte !»

E, enquanto Herodes cobre, apavorado, a vista,
 Num orgasmo a gemer, ébria de ânsia e luxúria,
 Oscula, a escorrer sangue, a boca do Batista.

12 — Nem é só, como temos visto, a preocupação da forma,
 com o objetivo de a tornar cada vez mais correta e perfeita, que
 avassala e absorve o poeta.

Preocupa-o, também, a idéia, no sentido de a tornar cada
 vez mais significativa e conceituosa.

Que o diga o sonêto EVA, em que, através de EVA-MÃE,
 cantando-a, exalta a função social da mulher.

EVA

Mãe-Eva ! anjo misérrimo e execrado
 O delicto que um Deus te não perdoara,
 Nunca fora maior, se não vingara,
 Sôbre a terra, a delícia do pecado.

Fôste um raio de sol que iluminara
As trevas do planêta, lado a lado . . .
Fôste a enxada, a charrua, a foice, o arado
E a sementeira de fecunda seara.

De ti o Amor nasceu, libérrimo, entre
Hosanas mil, para ser grande. (Vedem,
Embora, as parras clássicas teu ventre).

E, se rolaste pelo abismo fundo,
Dando incentivo ao mal — perdeste um Eden,
Glorificando o Amor — ganhaste um mundo.

13 — Não há uma nota de alegria, revelando o artista de qualquer modo conciliado com a vida, nos *Poemas do Cárcere*, sobretudo na sua última parte, que Carlos Gondim denominou, como vimos, de *Sinfonia vespéral*. Tudo aí respira invencível tristeza, a tristeza de quem sofre verdadeiramente, e que, por isso, só triste e sombriamente pode dar a impressão das coisas que percebe e que o circundam.

Com todo acêrto pondera Clovis Bevilaqua que as imagens se desenham segundo os estados da alma e que o mundo e a vida são representações do nosso espírito. Por palavras diferentes, diz Anatole France a mesma coisa: *Quand l'âme est triste, rien ne peut lui sourire*".

Ouçamos o poeta :

Ai ! como é triste o poente em sangue,
No seu purpúreo leito astral !
Tu fazes, poente, tanto mal,
Na hora em que dás à sombra exangue
Dolente côr sentimental !

E, para quem de ermos presídios
O teu mortal espasmo vê,
Ainda és mais trágico, porque
Lembras catástrofes, suicídios,
Evocas Werther e René.

Poente dos sós, dos que padecem
A negra dor da ingratidão,
Lembras a decomposição
Dos corpos frios que apodrecem
No horror da eterna escuridão !

.....

Poente de outono doloroso,
 Dantes não me eras triste assim,
 Quando na Torre de Marfim
 Vivi de um sonho venturoso,
 Que eu supusera não ter fim!

Êstes versos, assim tão maviosamente expressos, fazem parte do seu POENTE DE NATAL.

Vejamos :

BALADA DO DIA

A sombra desce, morre o dia.
 Enverga a noite o seu gabão,
 E, em tórno, tudo se anuvia...
 Lânguida e triste, a viração,
 A árvore víride estremece.
 E, quanto mais a escuridão
 Adensa e aumenta, se entristece
 Meu solitário ccação.

É a hora da acerba nostalgia,
 Do anseio eterno e da oração :
 Hora em que tudo se angustia,
 E a alma, em alor de aspiração,
 Deixa a crisálida refece,
 E busca a etérea irradiação...
 Hora em que chora e desfalece
 Meu desolado coração.

14 — Sobejas razões teve, assim, Mário Linhares ao escrever que os *Poemas do Carcere* vieram firmar o nome de Carlos Gondim como um dos melhores poetas da moderna geração cearense, ao lado de Cruz Filho, Júlio Maciel, Irineu Filho e outros.

15 — Carlos Gondim ainda publicou, em 1929, *Ânsia Revel*. O livro se compõe das seguintes partes : — *Ânsia de perfeição* (que é a mesma *Tortura do Artista*, de que já falamos), *Canto Tropical*, *Alma de Tântalo*, *Lendas de Gorki* e *Poemas de Saudade*.

É o mesmo lapidar e impecável parnasiano, a ostentar-se nos alexandrinos, entre inúmeros outros, do seu sonêto

MARCO ANTONIO

Em Ácio. O sol dardeja e o promonotório criva
De raios de ouro. O mar vem retoçar na areia...
Há chispações de luz à flor da vaga esquiva.
Queda em seu gineceu a dolosa sereia.

Veleiro leviatan voga, de proa altiva...
Outro mais, outro mais o balsão alardeia...
E começa a batalha, encarniçada e viva :
— O sangue jorra, o fogo raiva, o fumo ondeia...

Súbito, fugaz, singrando a todo pano,
A galera lá vai da rainha do Oriente,
Que, pérfida, abandona o general romano

Mudo interroga Antônio: — É uma esteira de espuma
O rastilho das naus... E, agora, à luz do poente,
Vê tôda a frota real a se sumir na bruma...

É o mesmo e eterno desencantado ante as ruínas de sonhos
seus que se esboroaram e desapareceram.

Evoco... a ouvir um piano soluçando
O «Noturno» divino... E, em cima, absorto,
Vejo dos cinerais ressuscitando,
O álgido espetro do meu sonho morto.

Verde, opulenta, ubérrima floresta,
Que o fogo comburiu, desapiedado,
— Escombros, mais escombros, é o que resta
Dêste alcaçar desmoronado.

Como inda escuto, enleiado, enternecido,
Este harpejar dos lábios teus: «Eu te amo!...»
— Pássaro ideal, gorjeando-me no ouvido,
Como o sabiá no pêndulo de um ramo.

E então, à pirexia de um desejo
Estonteante, insofrido, irreprimido,
Eu te colhera êsse primeiro beijo
— Um pizzicato indefinido...

.....

E, assim, vinhas me vêr, ágil, vingando
 Sinuosa, agreste, acidentada via...
 — «Que, por te ver — ciciavas arrulhando,
 O píncaro alpenino escalaria!»

E nesse tête-à-tête, o roxo poente,
 Que era — intruso ancião — o meu receio,
 Nos surpreendia e, sorrateiramente,
 Chegava e interrompia o nosso enleio...

Mas eu te acompanhava, hipnotizado,
 E a minha mão à tua mão premia...
 E nesse enlevo, do percurso andado
 Nunca me apercebia...

.....

Separou-nos a sorte, a cruel megera
 Que os nossos sonhos todos desbarata,
 Quando mal sobre nós a Primavera
 Em flores se desata...

Tudo acabou, num derradeiro arquejo...
 — Restam-me só os túrbidos ressabios
 Dêsse primeiro e inconfundível beijo
 Que eu te colhera, sôfrego, nos lábios!

(Da poesia **Retrospecto**)

Por um destino cruel, hei de, agora, sozinho,
 Pela terra vagar...
 — Edipo sem Antigone, a tatear,
 Ensanguentando os pés nas urzes do caminho...

O sonho que nasceu quando tua boca ardente
 À minha boca se uniu,
 — Última restia de luz no agonizar de um poente
 Refulgiu, e fugiu...

Hamleto, a revolver do passado o cinério
 Das lembranças e impressões,
 Do meu eremitério
 Assisto ao funeral das próprias ilusões!

Que ânsia dolorida ! . . .
— Porque me vieste, ó cruel recrdação,
Mais amarga tornar-me a amargura da vida,
E mais profunda a minha solidão ? ! . . .

.....

Não voltarão os dias do passado,
— Almo rio de luz a deslizar risonho . . .
Só me resta da Angústia o Corvo, empoleirado,
Sôbre os escombros de meu Sonho.

(Poesia No silêncio da Noite).

É o mesmo impenitente visionário, cheio dos atrozes desen-
ganos que lhe fazem pedir a morte, como único bálamo, único
remédio a tanto sofrimento, a tanta abjeção, a tanta miséria . . .

Morte ! fantasma horrendo ! Arrancara ao meu pletro,
Se a Musa o concedesse, hino de glória a ti !
Já me não apavora o teu vulto de espetro,
Nem o sarcasmo cruel que a tua boca ri !

Ouçõ o estranho fragor de um mundo que desaba
Em tórno a mim : — és tu, penetrando os umbrais !
— Exalç-te ! porque só em teu seio acaba
Tôda miséria e dor das vítimas sociais !

Sob o céu, sôbre o mar, nas paragens desertas,
Horizontes vencendo, em teu rude mister,
Nas garras colossais — torvo dragão — libertas
Os que vivem na terra apenas a sofrer !

Em tempo vens : o pus nauseante que supura
A gangrena social, de onde não há fugir,
O meu ser não poluiu, como, na sepultura,
A pútrida matéria há de o verme poluir.

.....

Leva-me, Augusta Morte, em teu seio potente,
Para o sono final, no leito tumular . . .
— Sonhei, demais sonhei . . . Hoje, quero sòmente,
Para sempre dormir . . . e nunca mais-sonhar !

É o mesmo espírito devastado, assolado e varrido pelo ceticismo, pela descrença e pela dúvida ante o impenetrável segredo do Universo.

DÚVIDA

Perquiro, ante a algidez de um túmulo silente,
O **undescowered country** — o mistério do Nada:
— Tudo se acabará numa cova fechada,
Irrevogavelmente?

Ou, além da matéria, — onde há um mundo latente,
A alma se elevará, da forma libertada?
E essa alma será luz, de outra luz emanada,
Ou pœira, simplesmente?

E apenas se restringe
A esta interrogação, todo o meu ser, transido,
Ante a Esfinge do Além, a indecifrada Esfinge!...

E a ansiar neste Calvário
Da Dúvida fatal, curvo a frente, vencido,
Sem saber se sou um Deus, ou um protozoário!

16— ÂNSIA REVEL nada tem que invejar a POEMAS DO CÂRCERE, quer na forma, quer no fundo.

As mesmas harmonias, a mesma sensibilidade, as mesmas emoções...

Os dois livros, de qualquer maneira, fazem de Carlos Gondim um dos mais altos aedos da terra cearense, se não de todo o Brasil.

A afirmativa é de Augusto Linhares.

E eu, sem o menor constrangimento, a endosso.